

## SENSIBILIDADE MASCULINA<sup>1</sup>

---

Eu ainda era muito jovem, mas já era (numa versão pré-silicone) a romântica incorrigível que sou hoje. Era um lindo dia de verão em Florianópolis *Beach*, com direito a céu azul claro e um sol deslumbrante, um dia daqueles que os fotógrafos usam para fazer fotos típicas de cartão postal, com a impávida ponte Hercílio Luz ao fundo.

Estava de carona com um amigo, pois a minha dureza financeira era tamanha que não tinha grana para vir de uma cidade vizinha a Florianópolis, onde eu morava naquela época, procurar uma *kitnet* (do tipo Kinder Ovo) para alugar, pois havia acabado de fazer minha matrícula na UFSC, agora só precisava de um pardieiro para morar e já podia me considerar uma genuína estudante universitária fodida.

Estávamos na Avenida Beira-Mar indo em direção à UFSC, onde meu gentil e nobre amigo, que me fazia essa gentileza tão altruísta, me deixaria para que eu me virasse e encontrasse a tal “kit”.

Ele flertava comigo durante todo o trajeto da cidade vizinha até a ilha, eu, como sou “loira”, me fazia de desentendida e esboçava um ar de ingenuidade misturado com burrice, que ele, do alto da sua torre de marfim machista, via como uma genuína burrice inerente ao sexo feminino, ele se deliciava, é muito divertido para o sujeito com déficit intelectual acreditar por alguns momentos que ele é a bola da vez.

Mas como já disse lá no início desta breve aventura pouco amorosa, eu sou e sempre fui uma romântica incorrigível. Às vezes é bom viver um “amor inventado”, daqueles que o poeta Cazuzza adorava.

Paramos em um dos milhares de semáforos da Avenida Beira-mar, veio em nossa direção um homem com um buquê gigante de rosas vermelhas nas mãos, um trabalhador destemido que andava em meio aos carros vendendo um pouco de amor para casais que já não transam mais. Muito esperto!

Meu amigo, que queria se tornar colorido, chamou o homem.

---

<sup>1</sup> Autoria: Débora Fidalgo da Silva

Eu corei e minhas mãos começaram a suar, tive certeza que ganharia a rosa vermelha, o que é praticamente uma preliminar...

Tudo mudaria se eu tivesse ganhado aquela rosa vermelha que despertou toda a minha cobiça e competitividade feminina, afinal, todas as mulheres dos carros em volta ganharam aquela merda de rosa... Ops, quase perdi o foco. Voltando...

Porém, um detalhe passou despercebido, meus 500 sentidos femininos não detectaram uma importantíssima informação no vendedor de sonhos florianopolitano. Ele usava uma camisa de time de futebol, não me pergunte qual a porra do time que despertava a paixão daquele gentil senhor, não entendo absolutamente nada de futebol, mas o meu amigo, em compensação...

Como todo tarado por futebol, não perdeu tempo e chamou o rival pra uma acalorada discussão sobre quem estava na série não sei das quantas e quem ia sei lá eu pra onde...

Aquele sinal vermelho durou uma eternidade, foi sem dúvida o mais longo de toda a minha vida.

Mas meu amigo se divertiu bastante, ele e seu novo amigo se trataram com apelidos carinhosos do tipo “viado” e “Zé Ruela”, discutiram calorosamente e carinhosamente durante todo o tempo.

E terminaram a conversa com cumprimentos de mão e olhos marejados de lágrimas devido à envolvente conversa futebolística.

Eu fique sem a minha rosa...

Ele perguntou, depois, por que eu, que costumo falar tanto, estava em silêncio. Eu respondi com a honestidade e a transparência que são tipicamente femininas em casos assim: “Não foi nada”.

**Florianópolis, 11 de outubro de 2013.**